



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13428 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

DESATRACANDO A CANOA: A ESCOLA NA ALDEIA E A ALDEIA NA ESCOLA

Maria Adriana Leite - UFPA - Universidade Federal do Pará

Agerdânio Andrade de Souza - UNIFAP - UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

Tadeu Lopes Machado - UNIFAP - UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

Agência e/ou Instituição Financiadora: PIBID

DESATRACANDO A CANOA: A ESCOLA NA ALDEIA E A ALDEIA NA ESCOLA

Resumo: O presente trabalho trata-se de uma reflexão a partir de um relato de experiência com um povo indígena no município de Oiapoque-AP, quando buscou-se implementar o projeto PIBID em algumas escolas das aldeias. Por meio da abordagem intercultural crítica e da decolonialidade, traçamos alguns desafios para que o projeto Pibid esteja enraizado por completo nas práticas interculturais indígenas. A partir disso, nos empenhamos em problematizar sobre o papel da escola no ambiente indígena, bem como trazemos algumas reflexões sobre os conhecimentos que permeiam o mundo indígena e que devem fazer parte da paisagem escolar no seu cotidiano. Desatracando a canoa significa avançar numa proposta que liberte a escola dos princípios pedagógicos limitados e limitadores que têm fundamentado as escolas nas aldeias. Da experiência, percebemos que se faz necessário e urgente conectarmos os saberes processados na escola com a vida fora da escola.

Palavras-chave: Práticas socioculturais, Pibid, educação escolar indígena.

Implementação do Pibid na Aldeia Indígena

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) possui como um dos principais objetivos incentivar a formação de docentes em nível superior para a Educação Básica. A Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) por meio dos editais n. 23/2022 e

24/2022 aprovou projetos institucionais que contam com a colaboração das Secretarias Estadual e Municipais no apoio para a realização de atividades formativas envolvendo professores da UNIFAP, discentes bolsistas e professores de escolas de educação básica nos municípios onde estão localizados os quatro *campi* universitários: Macapá (*Campus Marco Zero*), Santana (*Campus Santana*), Mazagão (*Campus Mazagão*) Oiapoque (*Campus Binacional*).

O campus Binacional foi contemplado nesses editais com um núcleo e dois subprojetos. Um denominado Interdisciplinar Intercultural/Geografia, e o outro denominado Interdisciplinar Intercultural/Matemática e Química. Ambos os subprojetos contam com vinte e quatro bolsistas e 6 voluntários, cada um, e ao todo têm quatro professores envolvidos: dois da intercultural/Geografia e 2 da Intercultural Matemática/Química. A palavra “Intercultural” se repete em ambos subprojetos pelo fato dessas ações estarem ligadas diretamente ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena daquele *Campus*, ao qual os três proponentes desse resumo atuam na condição de docentes.

No dia 04 de março de 2023 houve o *I Encontro Pedagógico do Pibid e Residência Pedagógica do Campus Binacional da Unifap e I Encontro de Formadores da Amazônia Amapaense do Pibid e Residência Pedagógica da Unifap*. O evento também foi caracterizado como a aula inaugural do PIBID/Intercultural. Um dos debatedores do encontro foi o professor Salomão Hage, da Universidade Federal do Pará (UFPA). Em seu diálogo de abertura, intitulado “Educação, Diversidade Sociocultural e a Formação Docente em debate”, o professor levantou alguns pontos e contrapontos da docência e da prática pedagógica a serem refletidos por nós no contexto amazônico.

Ao iniciar sua fala chamando os nomes de cada povo indígena que ali estava presente, quais sejam: os povos Karipuna, Galibi Marworno, Wajãpi, Galibi Kalinã, Tiriyo, Kaxuyana, Waiana, Apalai, Palikur, e ao afirmar que cada um: *é um povo, um território, uma territorialidade, porque é um modo diferenciado de produzir coletivamente a sua existência*, o professor demarcou categoricamente as diferenciações étnicas, ontológicas, cosmológicas, culturais, epistêmicas, políticas, territoriais e pedagógicas de cada um desses povos indígenas.

Assim, é importante compreender que existe uma ampla diversidade que demarca e caracteriza profundamente a Amazônia, e essa demarcação não pode ser esquecida ou deixada de lado. As múltiplas práticas socioculturais se espriam e preenchem todos os povoados, as metrópoles, ilhas, aldeias, quilombos, comunidades ribeirinhas, enfim, todas as riquezas culturais expressas no cenário amazônico e que resistem nas florestas, nas águas, nos campos, nas matas, rios, igapós e igarapés.

Cada etnia tem sua forma pedagógica própria de repassar seus conhecimentos e saberes. Então, como formular práticas escolares educativas para os povos indígenas que consigam atingir seus modos particulares de ser indígenas, garantindo que a prática escolar se organize de acordo com seus modos próprios de aprendizagens, partindo de suas formas específicas de ser, sentir, agir, viver e conviver?

No período de 08 a 10 de março nos deslocamos da cidade de Oiapoque rumo ao centro da Terra Indígena Uaçá. Nosso objetivo era chegar em duas aldeias mais distantes da sede do município, e que também são umas das mais populosas da região. Tratam-se das aldeias Kumarumã, do povo Galibi Marworno, e Kumenê, do povo Palikur.

Nossa viagem tinha como propósito implantar o PIBID nas escolas dessas aldeias, conversar com a comunidade local, com os professores, diretores, para apresentar para todos/as os objetivos do PIBID e o que estávamos fazendo em seu território, além de encaminhar as tarefas para os alunos bolsistas e professores preceptores em cada local de nossas visitas.

Chegamos à aldeia Palikur por volta das 16:00h do dia 09, e foi aí nessa aldeia que passamos maior parte de nossa viagem, e, portanto, foi no Kumenê que também estabelecemos maiores aproximações com a comunidade local e pudemos fazer algumas práticas pedagógicas já com os alunos bolsistas, as quais trazemos nesse texto para refletir. Além de nos reunirmos com a comunidade, com as lideranças locais, com os professores, estudantes, bolsistas, também tivemos a oportunidade de fazer um remédio caseiro, junto com algumas pessoas que aceitaram o desafio.

Mas afinal, qual foi o objetivo em propor fazer um remédio caseiro com os indígenas? Sabemos que os povos indígenas têm um conhecimento vasto na prática do tratamento de saúde a partir da utilização de ervas e outros produtos medicinais. Entretanto, a escola dentro da aldeia parece ainda desconectada do mundo indígena. Então, nossa ideia era compreender o universo indígena, e mais que isso, fazer com que os próprios indígenas percebessem a necessidade de seus conhecimentos a respeito da manipulação dos produtos naturais estarem conectados com os saberes escolares, pois são saberes que se complementam.

Dessa forma, ao propormos fazer um xarope em conjunto, ou em *mayuka*, entendemos que nos aproximar de suas plantas, seus conhecimentos e seus saberes tradicionais deveria ser o ponto de partida para a implementação do projeto PIBID em sua escola, uma vez que a escola implantada na aldeia indígena deve ser o reflexo do mundo local, e não o contrário.

Pensar em um direcionamento a partir de outras perspectivas de ensino de matemática, química e botânica nos faz refletir que efeitos são possíveis serem sentidos e vivenciados por acadêmicos indígenas, participantes do programa Pibid, na prática de produção de xarope com material recolhido da própria aldeia. A imagem 1, 2, 3 a seguir, são cenas de alguns momentos na realização dessa prática em nossa estadia no Kumenê.

A imagem 1: registros de alguns momentos na produção de xarope.



Arquivo pessoal, 2023.

Imagem 2, 3: Registros das etapas da produção de xarope



Arquivo pessoal, 2023.

O desafio foi lançado e algumas pessoas aceitaram elaborar um remédio caseiro, que, ao mesmo tempo reforçasse os conhecimentos tradicionais, pudesse ser entendido como prática pedagógica Palikur que deveria estar associada à prática escolar cotidiana. Abacaxi, folhas de algodão roxo, sementes de peão banco, gengibre, malvaíscio, corama, alfavaca, casca da mangueira, cúrcuma e açúcar foram os materiais que utilizamos em nossa produção

de xarope, e todos foram colhidos rapidamente pelos próprios indígenas nas redondezas da aldeia. Enquanto um descascava o abacaxi, outros iam ralando o gengibre, outro estava fazendo o fogo, e depois mais alguém mexia com uma colher de pau a panela com os produtos já em ebulição.

Na cultura amazônica esses produtos sempre foram vistos como um excelente remédio caseiro para gripes, resfriados e dor de garganta, pois contêm na sua composição gingerol, uma substância com potente ação anti-inflamatória, analgésica, antipirética, antiemética e expectorante (CALDEIRA, 2020). O gengibre tem ação antioxidante que reduz os danos nas células e ajuda a melhorar o funcionamento do sistema imunológico, aumentando a imunidade e melhorando a resposta do corpo às infecções.

Desse modo, o saber/fazer do mundo indígena nos indica que seus saberes advêm de seus conhecimentos práticos, de sua tradição em manipular o mundo palpável, de seu conhecimento empírico, que é altamente organizado, racional, lógico (LÉVI-STRAUSS, 1989). Ou seja, em nada é menor que o conhecimento científico. Para a comunidade indígena, não basta apenas retirar o produto da mãe terra, existem um conjunto de elementos e técnicas para o manejo de recursos naturais que envolve conhecimentos para a sobrevivência na natureza, e o uso das plantas e da vegetação em geral garantem sua alimentação, habitação e cuidados com a saúde.

Assim, é imperioso afirmar que o conhecimento indígena sobre cada um dos produtos utilizados na prática são conhecimentos que não necessitam de um especialista acadêmico para lhes explicar como se manipula, se utiliza e a forma correta de consumir. Percebemos isso no comportamento das pessoas envolvidas no processo de fabricação do xarope caseiro, pois, mesmo tendo a presença de três professores universitários (um químico, uma matemática e um antropólogo), os indígenas demonstraram que sabiam manipular com habilidade cada produto, pois para eles trata-se de reconhecer como forma de manutenção da vida.

As práticas socioculturais na interlocução com o ensino podem gerar em nós um caminho de possibilidades auxiliando no transcurso da educação escolar. A conexão com outros meios de conhecimento e aprendizagens que são geradas fora de um contexto curricular/formal pode desenvolver uma maneira de compreender que os saberes escolares e não escolares devem estar entrelaçados entre si.

Nesse sentido, é importante perceber que há necessidade de superar modelos de escolarização que foram implantados nos diversos ambientes indígenas e que ainda hoje se

mantêm com o propósito de “civilizar” esses povos. Acredita-se que é fundamental que se possam construir (pelas mãos dos próprios indígenas) os processos de superação de uma escolarização que não tenha como princípio orientador as perspectivas indígenas, e assim é fundamental que o papel e o local da escola dentro da paisagem social indígena seja refundado.

A história da educação escolar indígena aponta que, mesmo com a importante presença dos indígenas no processo de negociação da implementação da escola, como é o caso da situação do povo Palikur (MACHADO, 2022), essa instituição seguiu modelos pedagógicos, metodológicos e teóricos que pouco levavam em consideração as percepções dos indígenas sobre esse processo. A escola, mesmo depois de reivindicada, se consolidou como um campo em disputa, onde as propostas da comunidade, traduzidas na possibilidade de diálogo permanente, eram/são subsumidas pelo silenciamento de suas vozes, ou, quando muito, por resoluções paliativas.

Destaca-se que a escola trouxe um rearranjo para a estrutura social indígena, e, portanto, houve muitas modificações no ambiente indígena com a introdução do ensino escolar nas aldeias. No entanto, compreendemos que a educação indígena não se resume à escola, pois o modo de vida tradicional desses povos preserva conhecimentos, saberes, fazeres ancestrais, que são a base da reprodução social milenar desses grupos étnicos específicos.

Portanto, mesmo compreendendo a importância da escola dentro de suas aldeias, os povos indígenas demonstram interesse também em perpetuar cultivando seus aspectos educacionais próprios. Dessa forma, o local que a escola ocupa dentro da sociedade indígena se situa como um apêndice do mundo indígena, ou seja, não é a única paragem para aprendizagens, e, portanto, não ocupa a centralidade na formação da pessoa indígena. Isso nos leva a entender que a escola indígena só pode exercer seu papel para a qual é destinada se estiver conectada com os outros pontos de aprendizagens Palikur. Caso ela esteja dissociada dessas outras “paragens”, será vista como uma instituição não indígena dentro do ambiente indígena. A disputa e os conflitos permanecerão constantes.

Assim, indicamos que a “pedagogia indígena” (KAINGANG, 2019) se constitui como um arcabouço instrumental para fundamentar a prática escolar dentro da aldeia, e se concretiza como uma “pedagogia insubordinada” (FALS BORDA, [1995], 2010). Nesse sentido, é importante considerar a necessidade de expandir a percepção indígena para além da aldeia e da escola indígena. É necessário que os saberes indígenas, suas metodologias do cuidado e da concepção de mundo estejam presentes também nas escolas não indígenas. Essa

seria uma contribuição para que as pluralidades que existem no mundo fossem consideradas riquezas e passassem a se organizar em justaposição.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rosilda Trindade de et al. As diferentes formas de uso de *Zingiber officinale* (gengibre) no município de São Gabriel da Cachoeira-AM. 2019.,

BRUM, Eliane. Banzeiro òkòtó: Uma viagem à Amazônia, centro do mundo. Companhia das Letras, 2021.

CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes; HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. Amazônia: a urgência e necessidade da construção de políticas e práticas educacionais inter/multiculturais. Revista Nera, n. 18, p. 79-105, 2012.

CALDEIRA, Dayse; VILARDO, Leítica. **Alimentos funcionais: A prevenção começa na mesa**. EDITORA PANDORGA, 2020.

FALS-BORDA, Orlando. **Pesquisa-Ação, ciência e educação popular nos anos 90**. [1995] In.: STRECK, Danilo R. (Org.). Fontes da pedagogia Latino-Americana: uma antologia. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 358-370.

KAINGANG, Bruno Ferreira. **As crianças Kaingang: educação escolar e os processos próprios de aprendizagem**. RAU - Revista de Antropologia da UFSCAR. N. 11 (1), jan./jun. 2019. 83-100 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. Trad. Sônia Pellegrini. Campinas-SP: Papirus, 1989.

MACHADO, TADEU LOPES. **A ESCOLA REIVINDICADA Educação escolar no contexto do povo indígena Palikur**' 23/03/2022 371 f. Doutorado em SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, Belém Biblioteca Depositária: <https://ppgsa.propesp.ufpa.br/index.php/br/>.